

PEDAGOGIA DA CORPA TRAVESTI: PERFORMANCE, POLÍTICA E ARTE DISSIDENTE

Luis Massilon da Silva Filho¹

Mário de Faria Carvalho²

Resumo: Neste texto refletimos como a arte produzida por artistas travestis no Sertão de Pernambuco ressignifica os cânones do fazer artístico e sugere outras bases epistêmicas e políticas para o campo em questão. Argumentamos acerca de uma pedagogia da corpa travesti enquanto uma lente na intenção de problematizar em que medida tais corporalidades dimensionam a singularidade da criação dissidente e frente ao cis-tema que demarca as fronteiras gendrificadas da arte e da vida. Salientamos, de tal modo, a importância de localizar o caráter performativo, político e subversivo como conhecimento partilhado desde a experiência e que articula, pois, respostas não apenas a marcadores gendrificados desde a arte, mas também a partir da abjeção. As sensibilidades da corpa travesti são ressaltadas em sua perspectiva poética, estético-transgressora e subversiva, desde o deslocamento da diferença e da experimentação ativista e transpofágica da criatividade.

Palavras-Chave: Travestis; Arte; Corpa; Performatividade.

¹ Doutorando em Educação Contemporânea | Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste. Mestre em Educação Contemporânea | Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste. Graduado em Psicologia | Universidade de Fortaleza. Professor Substituto Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico de Vitória (UFPE-CAV). Integrante d'O IMAGINÁRIO - Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Educação e Cultura (UFPE/CNPq) e do Grupo de Pesquisa sobre Contemporaneidade, Subjetividades e Novas Epistemologias - G-Pense! (UPE/CNPq). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7071-2586>. E-mail: mariofariacarvalho@gmail.com

² Doutor em Sciences Sociales - Université René Descartes - Paris V (2008). Diplôme d'études Approfondies (DEA) em Ciências Sociais - Université de Caen Basse Normandie (2001). Graduação em Design - Ecole d'Architecture de Grenoble (1996), Graduação em Design - Universidade Federal de Pernambuco (1992). Professor Associado Nível I do Núcleo de Design e Comunicação e Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea, ambos da Universidade Federal de Pernambuco / Centro Acadêmico do Agreste. Pesquisador do CEAQ - Centre d'Etude sur l'Actuel et le Quotidien, da Associação Nacional Ylê Setí- do Imaginário e do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre o Imaginário. Lí-der do Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Educação e Cultura (UFPE-CAA/CNPq) e Vice-lí-der do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina (UFPE-CAA/CNPq). Orienta estudos sobre: Interculturalidades, Artes e Educação. Interessa-se por pesquisas que reflitam sobre Expressões Artísticas, Cultura Popular, Estética, Sensibilidades, Barroco, Pós-Modernidade, Estudos Pós-Estruturalistas, Teoria maffesoliniana e do Imaginário e Gênero. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0402-4213>. E-mail: luis.mfilho@ufpe.br

PEDAGOGY OF THE TRAVESTI BODY: PERFORMANCE, POLITICS AND DISSIDENT ART

Abstract: In this text we reflect on how the art produced by transvestite artists in the Sertão of Pernambuco gives new meaning to the canons of artistic practice and suggests other epistemic and political bases for the field in question. We argue about a pedagogy of the transvestite body as a lens with the intention of problematizing the extent to which such corporalities dimension the singularity of dissident creation and in the face of the cis-theme that demarcates the gendered borders of art and life. We therefore highlight the importance of locating the performative, political and subversive character as knowledge shared from experience and which articulates responses not only to gendered markers from art, but also from abjection. The sensibilities of the transvestite body are highlighted in its poetic, aesthetic-transgressive and subversive perspective, from the displacement of difference and the artist and transphobic experimentation of creativity.

Keywords: Transvestites; Art; Body; Performativity.

Introdução

Argumentamos, neste texto, que o fazer artístico travesti constrói e performa dada circularidade e poeticidade que sugere uma ‘pedagogia das corpas’. Ainda, que este saber implica, em outros corpos abjetos, a nível subjetivo, a reflexão acerca de como são afetados e da rejeição a que são submetidos. A performatividade a que recorrem perfaz representações e configurações diversas de si como conhecimento partilhado desde a experiência e das condições vividas, dimensionam, pois, respostas não apenas a marcadores gendricados desde a arte, mas também a partir de sua existência.

Nesse sentido, a pedagogia da corpa é precedida de especificidades que o ativismo sugere (SILVA FILHO, 2022). Trata-se de um movimento que se refere à conjunção e ao que se demonstra por meio da arte e da política, ou seja, “causa e reivindicação social e, simultaneamente, como ruptura artística” (RAPOSO, 2015, p. 5). Tal desvelar, de cunho político, é marcado pela vivência e por aspectos estéticos nas quais a corpa travesti, ao deslocar a ideia de diferença, organiza um campo semântico e cognitivo próprios e ligado a movimentações criativas de ser-no-mundo.

Sugerimos que artistas travestis³ do sertão pernambucano, especificamente da cidade de Arcoverde/PE, proporcionam, desde suas corpas, o deslocamento de conhecimentos e paradigmas forjados por matrizes de gênero e sexualidade hegemônicas. Performatizam o estranhamento sobre si e outras experiências como uma pedagogia que desestabiliza meios enrijecidos de existência e incitam a criação de outros arranjos sociais nos quais a criatividade artística, a poética e a gestualidade dissidente se configuram como atravessamentos para uma ‘atividade’ político-formativa. Afinal: “[...] inventam eventos, performances, festas, filmes e várias outras formas de experimentações artísticas. A experimentação se materializa em ações, hibridismos, narrativas, intervenções” (MEIRA, 2019, p. 47).

³ As participantes da pesquisa que embasa este trabalho são: RENNA, artista travesti que performa poeticamente a noção de corpo território; Gabi Cavalcanti e sua personagem “Artivista” Benedita – “Bem-dita preta da Periferia”. Personagem que traz um forte posicionamento por meio das transgressões corporais e suas repercussões no meio social; Irla Carrie, preparadora corporal, poeta, artista de teatro e dança que domina artes corporais, teatrais e literárias.

A associação feita entre o ato de performar e uma pedagogia artista da corpa travesti possibilita pensar que essa intersecção entre performance e ativismo “prioriza processos em andamento” (OLIVEIRA, 2019, p. 19). Igualmente, que esta ideia ressalta a premissa da corporeidade e do ativismo como espaços semânticos de resistência “na arte e na vida, contra tudo e todos que preconizam discursos e práticas totalitárias que produzem os estigmas nas pessoas com corpos diferenciados” (*Ibidem*).

A corpa travesti dimensiona e compreende uma potência transformadora-formativa forjada na dissidência dos acontecimentos. Nesse sentido, conjecturamos que a gestualidade e a corporeidade organizam formas de olhar, os movimentos, o pensar, do sentir as expressões e as subjetividades em permanente devir, como expressões de si.

Cogitamos, também, que o condicionamento de tais corpos é político, que são uma categoria que dimensiona as lutas e linguagens sociais em diálogo com o desmonte e descaracterização da binariedade heteronormativa (PRECIADO, 2014). A corpa travesti evidencia, assim, as pluralidades pedagógicas e políticas da existência não hegemônica, ao passo que rompe com as impositões da abjeção⁴.

Pressupomos a corpa forjada em sua singularidade, de forma a consolidar, material e subjetivamente, políticas que contestam os sistemas de saber que sustentam a subalternização, reivindica outras formas-de-vida (dissidentes). Tais corpos anunciam, então, transformações político-formativas desde a performatividade. De acordo com Butler (2019), falar de performatividade é falar que é no corpo, para o corpo e do corpo que a ação política é organizada, como também é relacionada com a ideia de que existem formas coordenadas de aparição desde a resistência política. Por isso, os saberes de corpos travestis são questionados, oprimidos, vigiados, punidos e, no entanto, na dinâmica de resistência, transformam os silenciamentos impostos (e que significam, muitas vezes, a sua morte) em vida.

Portanto, compreender como a corpa travesti expressa/organiza a arte de modo transgressor/dissidente é um caminho pedagógico potente para considerar a diferença na educação e áreas do conhecimento afins. Perfaz rupturas dos códigos

⁴ Segundo Preciado, sobre os distintos processos de abjeção: “[...] a exclusão é uma das técnicas necropolíticas mais ancestrais” (2019, p. 166).

morais deste campo e cogita o conhecimento em oposição às racionalidades dicotômicas, de modo a enfatizar um estado corporal do saber, performativamente, liberando-o em suas expressões e experiências latentes como as descritas e exemplificadas em partes posteriores deste texto.

O ato performativo⁵ de corpos travestis se constitui não apenas por aquilo que nomeia, mas pelas reiterações produzidas por essas regulações normativas em que a cultura faz a regência de corpos de modo que o domínio heteronormativo prepondere na definição de corpos “aceitáveis” e corpos “negadas”, “abjetificadas”.

Portanto, tensionamos a seguir estes argumentos e na intencionalidade de problematizar a arte idealizada por corpos travestis enquanto desenrolar pedagógico-político-epistêmico de múltiplos processos de subjetivação, os quais sugerem estilos de desestabilização de estruturas hegemônicas de saber e arranjos sociais de opressão.

Dissidência, performance e transpologia na arte travesti

As ideias de Paul B. Preciado (2014) organizam a contrassexualidade como um manifesto em que os aprisionamentos e as exclusões de novas dinâmicas de gênero são desestabilizadas. Sugere a produção de corpos outras, atitudes, realidades e múltiplas maneiras de pensar e agir a partir delas. Como forma de conceituar o termo ‘contrassexualidade’ o autor sugere que:

Os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros corpos como falantes. Reconhecem em si mesmos a possibilidade de aceder a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos, que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas. [...] Renunciam não só a uma identidade sexual fechada e determinada naturalmente, como também aos benefícios que poderiam obter de uma naturalização dos efeitos sociais, econômicos e jurídicos de suas práticas significantes (PRECIADO, 2014, p. 21).

⁵ Butler apresenta a ideia de que “a chamada identidade de gênero é uma realização performativa compelida por sanções sociais e tabus. É precisamente no caráter performativo da identidade de gênero que reside a possibilidade de questionar sua condição reificada” (2018, p. 3).

Assim, a noção apresentada permite, principalmente no contexto brasileiro, sugerir que as artes ligadas às travestilidades perturbam, de modo singular e com base em um referencial epistêmico próprio, o modelo normatizado de gênero, visto que relacionam o sensível com base em outros modelos criativos. Afinal, como afirmam Santana e Carvalho (2019, p. 31): “a transgressão epistemológica objetiva visibilizar conhecimentos e produções de conhecimentos até então marginalizados e discutir espaços e tempos intuídos por corpos censurados”. Além disso, têm em seu fazer a assunção de questionamentos, reflexões, ações políticas e estéticas que representam resistências (SILVA FILHO; CARVALHO, 2021) e campos de resistência (SILVA FILHO, 2022) no enfrentamento de comportamentos opressores e excludentes.



Figura 1 - Benedita: A corpa que se TRANSfigura em Experimentações. FONTE: redes sociais da artista, Gabi Benedita, Arcoverde, 2021.

A construção das relações de poder caracterizadas por Foucault (1998) e os processos de resistência advindos da luta contra a disciplin-ação de corpos travestis são demonstradas pela corpa de Gabi Cavalcante e a personagem Benedita retratada na imagem acima, quando resistir por meio da corpa se expressa pela prática de narrar a si mesma, de sair de um lugar negativo que lhe foi imposto para um lugar produtivo onde a todo momento a artista está narrando o que a interdita, o que a desqualifica e contrariamente narra que essa é a sua verdade, a sua política de corpos que configuram saber com prazer (SILVA FILHO, 2022).

O universo da criação artística travesti amplia a aproximação da arte com a vida (OSTROWER, 2017), a fim de retratar não somente a criação intrínseca das(os) artistas, mas também o seu cotidiano, sua maneira de subjetivar a vida, geralmente atravessada por invenções corporificadas por seus afetos. Portanto, há na corpa e arte travesti uma forma a representar a sua potência estética (transformadora e resistente) que disside de outras performances neste campo. Tal argumento, segundo Souza e Carvalho (2021, p. 13), ressalta a necessária “nova política para o corpo e a arte”, a qual, a nosso ver, é singularizada e redimensionada quando se trata da corpa travesti.

Nesse ínterim, a reflexão de que a extensão das relações entre arte e vida se tornam cruciais para os processos criativos e artísticos de pessoas travestis é o aspecto que pensamos deslocar este campo. Afinal, como articulam Souza e Carvalho (2021) e Silva Filho (2022), tal dinâmica reflexiva é central para a identificação de micropolíticas potencializadoras pela/da arte e, particularmente, as artistas travestis desnudam as acepções de “corpo” ao retratar as subjetividades de corpos que produzem saberes (políticos, poéticos e transgressores) em diálogo com referenciais de gênero e corpo pouco usuais⁶.

As imagens e performances retratadas por artistas travestis são lentes e suporte para cogitar a quebra de linguagens e de referências apolíticas de suas corpos. Relacionar socialmente elementos que se baseiem em questionamentos de pressupostos e corporalidades hegemônicas, conduz, assim, à expressão infinita de

⁶ Esses referenciais criam comunidades que criam uma linguagem fluida para falar sobre si, o que promove a diferenciação de performatividades entre o público LGBTQIAPN+, mas também tornam esses grupos mais vulneráveis principalmente pela visibilidades alcançada.

pensamentos que se dá pela experiência mesma (SILVA FILHO, 2022; DE CARVALHO, 2001).

Nesse sentido, a artista RENNA propõe o “*ExPele*”, uma série de poesias-visuais, de um processo com imagens gravadas na comunidade Serrote Preto do Carneiro (Buíque/PE). Este trabalho nos mostra como uma corpa travesti interage com o território da caatinga, em confluência com os elementos terra, água, ar e fogo. Em diálogo com as ideias de Bachelard (1998), ao tratar de uma fenomenologia poética a partir dos quatro elementos que podem proporcionar uma regulação do real e do imaginário, RENNA produz pensamentos, sonhos e, reiteramos, território-corporificações (SILVA FILHO, 2022).

Em paralelo a estas imagens, poesias autorais retratam o desejo, amor, violência e coragem e criam uma narrativa conduzida pelo acaso. Nos multimodos de produzir arte e se permitir experimentar, “*ExPele*” é visual, sonoro, sensível e verdadeiro, e ela afirma: “‘*ExPele*’ pode ser entendida como uma despedida de um corpo, uma transição do que eu fui e quis me tornar um dia, novos tempos virão. fiquemos fortes!”.

Prefácio – ExPele (Renna Costa)

Então, eu disse: esse corpo que causa curiosidade
que é objetificado, é fetichizado,
é exotificado, é abusado, invadido, apalpado,
é destruído, é morto...
Depois de dito tudo isso
eu me vejo como ser potente, de criação...
como pessoa que usa a arte
como forma de expressão
seja pela música, pelo teatro,
pela dança, pela performance,
pelo audiovisual, pela poesia,
qualquer uma dessas linguagens,
elas perpassam esse corpo que é um meio,
que é um território ocupado por essas linguagens e que...
por sorte minha e azar de outros,
É um corpo travesty!
É um corpo travesty!
É um corpo travesty!



Figura 2: RENNA - ExPele. FONTE: Acervo de Redes Sociais da Artista. Renna, 2021.

Falemos, então, de pedagogia fagnóstica (WOLFGANG; RHOADES, 2017), a qual sugere processos educativos voltados para a compreensão do desconhecido, da investigação e enaltecimento da complexidade, da estranheza e da fluidez do ser bicha, ser travesti, ser transexual, ser não-binário, enfim, do ser LGBTQIAPN+. Trata-se da abertura transgressora e de abranger as diferenças em contraposição à rigidez da binaridade, e de subverter, a partir de corpas dissidentes, a estética moderna.

O referido movimento propicia o surgimento de corporeidades dissidentes desde as experimentações vividas no real, elaboradas por meio das sensibilidades, o lugar de sentir (SILVA FILHO, 2022), em uma criação artística e estética na/da própria vida. Traçam ligações epistêmicas entre a existência e a desestabilização do ser e caracterizam o surgimento de narrativas outras, de experiências ligadas ao ser, existir e estar-com. Afinal:

[...] narrar a experiência é importante para que a pessoa se estabeleça enquanto ativa organizadora das informações, tornando possível explicitar sua visão das coisas. Por meio da colocação em discurso de seus gostos e preferências, é possível ativar a consciência de ser sujeito/a em meio ao mundo (BRACCHI, 2021, p. 563).

As performances das corpas travestis em questão, suscitam o inusitado como potência sensível que demonstra a transformação da vida em obra de arte (dissidente). A reconstrução da vida como arte, e vice-versa, como sugere Nietzsche (1992), ressalta, agora, o papel da arte em estimular as potências presentes no cotidiano de vida subalternas, de forma que as produções artísticas provocam um outro sentido do belo, da contemplação, da vida-poesia.

A arte travesti transborda e se configura pelo e no cotidiano. As experimentações artísticas de tais corpas são possibilidades, devires que indicam rupturas e construções de perspectivas que valorizam as múltiplas corporeidades, a cultura, a subjetivação e a formação humana. A multiplicidade se estabelece como profusão de relações e com base na experiência mesma.



Figura 3: Gabi: Vou armada, nunca rendida. FONTE: Acervo das redes sociais da artista, Gabi Benedita, 2021.



Figura 4: Irla: Pássara do Sertão no Frevo; FONTE: Acervo das redes sociais da artista, Irla Carrie, 2021.

Os usos de si (SILVA FILHO, 2022), ou melhor, articulando com o cuidado de si (FOUCAULT, 2006), refere-se a uma maneira de ocupar-se consigo mesmo e de constituir uma prática social, afinal: “o cuidado de si é ético em si mesmo, [...] implica relações complexas com os outros” (FOUCAULT, 2006, p. 270). As diversas inclinações dissidentes (SILVA FILHO, 2022) na arte travesti, nesse sentido, são marcadores que provocam uma imersão qualificada nas narrativas expressas por elas e que tais artistas buscam contextualizar nas suas experiências, de modo que ser artista tem relação desejar “mudar o mundo, pelo menos o mundo que eu alcanço” (CARVALHO, 2023, p. 1). Exploram e consolidam dado sentido sobre a arte, através da corporeidade, que rompe com os cânones deste campo do saber.

Este argumento pode ser vislumbrado na obra artista “Manifesto Transpofágico” da atriz Renata Carvalho (2019). A autora narra a história da corpa travesti e articula um manifesto sobre o seu nascimento e materialidade. Evidencia a construção social (e a criminalização) que as permeia, desde o imaginário à concretude da vida cotidiana.



Figura 5: Renata Carvalho na peça "O Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu". FONTE: Fernandes (2017). Nota: Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/veja-gente/renata-carvalho-atriz-travesti-mergulhei-em-jesus/>

A transpologia indica uma referência de construção social que permeia as corpas travestis que fazem a arte, seus processos e fluxos (sensíveis, políticos e transgressores) e, conseqüentemente, a figur[ação] das artistas que são responsáveis por essa construção (CARVALHO, 2019).

Ainda sobre esta lente epistêmica, a atriz, diretora, dramaturga e transpóloga alude que:

Transpofagia é uma antropofagia trans. Como eu sou uma transpóloga, sou uma travesti que estuda o corpo trans. Quando falo que, para eu contar minha história, preciso conhecê-la, eu digo que fui comer a minha história, fui comer a minha transcestralidade. Fui me alimentar dela para digeri-la, entendê-la. Trouxe isso do Manifesto Antropofágico, do Manifesto Comunista, de todos os manifestos que temos na arte. É uma travesti comendo a sua transcestralidade (CARVALHO, 2021, p. 02).

Assim, a criatividade travesti, desde suas expressões performativas, expande o processo de lutas sociais, reorganiza o sentido contemplativo da arte e propicia reconhecimento, com base em uma cartografia⁷ de dinâmicas e expressões artísticas

⁷ O que os corpos transmitem por meio da territorialidade vivida é o foco de nossa atenção. Trata-se de aprofundar os termos e as condições de constituição da visibilidade de pessoas travestis por meio da

que combatem a colonialidade⁸ e subalternidade de corpos abjetos⁹, ao passo que sugere que a corpa insurgente se constitui contra e no enfrentamento das dogmatizações do ser, parte do processo de decolonialidade¹⁰.

Há, nesse sentido, dada dimensão estética e poética do ser travesti que reescreve e reinscreve, por intermédio de uma abordagem e lente transpofágica, novas narrativas, histórias de corpas em processos contínuos de significação, “pois, os “corpos incoerentes” existem, rematerializam-se, não se conformando com as normas definidoras de gênero e são, por isso, muitas vezes desconsiderados” (ROCHA; CARVALHO, 2021, p. 188). Logo, assinalar a associação de resistência e de libertação presentes no referido fazer artístico sugere vislumbrar o sentido subversivo que disside de práticas sociais e bases do conhecimento excludentes.

[Trava]lhando com a arte: críticas à cisheteronormatividade

Travestis provocam e deslocam o sistema cisheteronormativo¹¹ que atua contra aquilo que não pode ser dito e que suscita interpretações excludentes sobre a arte dissidente. Pela arte, provocam estranhamentos singulares (e ambíguos), mobilizando dimensões de aceitação e crítica nas quais a arte é cogitada em sua expressão de existência. O fazer artístico em questão, por si só, ressalta a provocação de também suscitar deslocamentos de sentido, um redimensionamento crítico da criatividade e da própria corporeidade em cena.

arte, de forma a entender e problematizar alguns aspectos transversais e sensíveis desse devir, do referido plano de consistência (DELEUZE; GUATTARI, 1995; SILVA FILHO; CARVALHO, 2021).

⁸ Colonialidade é a forma dominante de controle de recursos, trabalho, capital e conhecimento constituídos com base em uma relação de poder. Também está diretamente relacionada à inferioridade atribuída aos povos colonizados, ou seja, aqueles grupos que foram silenciados, oprimidos e colocados à margem da sociedade e da história (GOMEZ, 2019).

⁹ Butler (2011, p. 155) afirma que o ‘abjeto’ designa: “aqueles que ainda não são sujeitos, e, portanto, habitam zonas intermediárias, ‘inóspitas’ e ‘inabitáveis’ da vida social”.

¹⁰ Gomez (2019) tece críticas à colonialidade eurocêntrica e evidencia a lógica descolonial que funciona como sustentação à colonialidade do poder e seus desdobramentos que organizam as hierarquias, inclusive na estética, posicionada como atividade criadora masculino-moderna. A descolonialidade é, pois, assumir um posicionamento crítico, dentro e a partir da fronteira que se move e se diversifica por meio de reexistências.

¹¹ Segundo Vergueiro (2015), o neologismo ‘cis-tema’ retrata a condição estrutural e institucional do meio cis-têmico, cis-sexista, para além da expressão individualizada do conceito de transfobia.

A criação travesti, na arte, (re)trata a corpa insurgente e, a partir de um lugar outro, questiona a expressão estética regulada com base nos paradigmas da heterossexualidade dominante, eurocêntrica e masculina. Desse modo, a travestilidade reorganiza, em sua experiência a exclusão, o fazer artístico e complementa, pela perspectiva insurgente, a noção política que a forja. As corpas não são categorizadas e a sua visibilidade, dessa forma relaciona a arte como lente de mudança do olhar e do agir cotidiano, corporeidades vibrantes e vibráteis para além da abjeção

São mudanças que agenciam não somente o discurso de se ter uma identidade que contesta o cis-tema, mas que também questionam aspectos que limitam a existência de diferentes vivências, de existências travestis e outras corporalidades que são consideradas abjetas. A luta desmedida e contínua de travestis mostra a disposição de obter legitimidade para ser trava, estar travestida, improvisar travecações, manter o traviarcado e estar no mundo travecamente. Desconstruir, reinventar, reviver aquilo o que está em si. (SILVA FILHO, 2022).

A sobrevivência travesti, a partir da arte, sugere o que chamamos de ‘travahadoras da arte’ (SILVA FILHO, 2022). Esta concepção é direcionada à significação que as corpas travestis conferem ao ‘apagar-se da condição de objeto-abjeto’, de maquinar outras formas de existência e atuação. Redimensiona o campo representacional, alude à corpa que se traveste para performar outros gêneros, recalçando-os, e faz emergir uma corporalidade para além da vida, a qual faz uso da arte como subjetivação de si, travahadora da arte, liberta, transgressora e dissidente.

Tal estética inquieta e provoca um olhar livre para a cultura, vista libertadora a partir das representações desencadeadas por essas artistas. Isso se constrói com a ideia de que elas cogitam a liberdade como modo de ressaltar todas as formas de vida a partir das artes e de múltiplas expressões por elas lançadas. As imagens que apresentam ganham importância ante à localização que se toma como ‘meio’, elemento criador de vínculos, de alicerces da dinâmica corporal e política.

Travestis, ao ocupar dados espaços e, por isso, alternando as vivências dos regimes da imagem, na perspectiva durandiana¹² (DURAND, 2012), da dimensão

¹² Segundo Durand (2012), o regime diurno revela imagens de ascensão, de conquista, de purificação, de separação, sempre razão, a verticalidade; o regime noturno tem a estrutura da deglutição, de diálogo

noturna para a dimensão diurna e vice-versa, em que a arte (noturna) é a sua arma (diurna), subvertem o cis-tema e tensionam a criação de espaços onde ser trava tem a conotação de ir ao interior de si em busca de conhecimento, do é, do “e-e”, e não da mera representação, da oposição, da antítese do “ou-ou¹³”, tão imposta pelo cis-tema cis-sexista.

Juhlia Santos, artista, desenvolveu a performance *Translogia das Corpas*, em 2019, na qual representa a experiência de utilizar a sua corpa como forma de romper/questionar o poder colonizador de espaços institucionais. Assim, a performance da transartista¹⁴ alude que: “[...] o experimento cênico ‘Se os homens são feitos do barro nós fomos feitas da lama’ nasce das questões que atravessam nossas corpas. A proposta busca problematizar os processos de higienização social que tange (sic) raça e gênero (AMORIM, 2019, p. 63).”

A metáfora acima sugere noções que significa trabalhar na arte. Rompe paradigmas e esvaece a dominação cis-masculina, afinal as artistas subvertem, desde paradigmas não convencionais, seus sentimentos, experiências e vivências singularmente dissidentes. Desconstruir, des-velar, des-travar e fortalecer a resistência na re-existência. São escritas que ganham expansão para além do espaço acadêmico e reverberam nos processos formativos e artísticos, de modo a encaminhar o trabalho que as trabalhadoras da arte preconizam e mobilizam cotidianamente como elemento epistêmico dissidente

Assim, enfatizamos que as corpas travestis trans-mi-tem, trabalham o pensamento de que corpas não possuem contornos fixos, tampouco limites. A estetização da diferença subverte, por meio de uma arte provocativa, as dimensões do não-lugar e da existência de invisibilidade a qual são impostas. Transgredem e vivem, poeticamente, para existir.

com o monstro (caverna, harmonia), com imagens de nutrição, digestão, noite, engolir, refúgio, sombra, copulação, a horizontalidade.

¹³ Deleuze e Guattari, em *“O Anti-édipo”*, explicitam que: o ‘ou... ou’ esquizofrênico reveza com o ‘e depois’: considerando dois órgãos quaisquer, a maneira como estão enganchados no corpo sem órgãos deve ser tal que todas as sínteses disjuntivas entre os dois venham a dar no mesmo sobre a superfície deslizante” (2011, p. 25), ou seja, que o “ou” tanto pode indicar uma exclusão como uma inclusão enquanto o “e” prevê uma “síntese conectiva de produção” (2011, p. 26).

¹⁴ Trecho de *Afet(o)AÇÃO – Escrita que sai da pele*, por Juhlia Santos (2019).

Politicidade da arte travesti: tramas existenciais e (in)visibilidade

A criação artística de corpos travestis, enquanto significação pedagógico-formativa, produtora de saberes, de maneira transgressora, envolve a poeticidade por elas produzida e enaltece questões para pensar a sua visibilidade/invisibilidade. E, quando se trata de corpos travestis, é sobretudo a partir da subalternidade que tais corpos informam, comunicam, se mostram, transformam.

Silva (2011, p. 83), nesse sentido, argumenta que: “a força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade”. Explicita que a quebra de fronteiras ligadas à referida demarcação cultural permite não se enquadrar nem se limitar ao pressuposto das identidades pré-estabelecidas e fechadas. Arquiteta, performaticamente, atravessamentos, deslocamentos e críticas.

Para Billard (2019), a referida estratégia política questiona discursos morais e culturais estabelecidos acerca das identidades travestis, sobretudo de que a sua existência prescinde e é circunscrita a dado modo de vida instituído pelo cis-tema. A construção subjetiva estabelecida, por outro lado, de acordo com a teoria queer¹⁵, indica que muitas sujeitas e seus corpos não se enquadram nas normas inteligíveis de gênero, tendo em vista que há, no referido processo, dada desconstrução de preceitos epistêmicos e políticos que questionam e subvertem as identidades e à binaridade.

Esse movimento político cogita uma nova conotação à questão, evidenciada por corpos travestis, sobretudo, até então negadas e/ou desconsideradas no campo social de das artes. A ação política (BUTLER, 2015) confere abertura ao surgimento de novas identidades permeadas pela pluralidade e a diferença (SILVA, 2011) das corpos, desejos e políticas sexuais, de forma a consolidar a existência dissidente.

As possibilidades de corpos travestis e as trajetórias implicadas em seus fluxos criativos demonstram como se estabelecem as nuances de evidenciação de formas-de-vida subalternas. A intenção focaliza demonstrar os “sentires”, os “afectos”, os

¹⁵ De acordo com Louro (2016, p. 145-147), a Teoria Queer é uma “perspectiva teórica e movimento político que, desde a década de 80, propõe pensar as ambiguidades, a multiplicidade, a fluidez das identidades sexuais e de gênero, bem como os corpos que subvertem os padrões heteronormativos, problematizando as formas múltiplas de viver essas dimensões”.

“perceptos”, as interlocuções, os dispositivos, as vivências que proporcionam o surgimento e a aparição de outras corporalidades, como sugere Butler:

Como então, a condição de ser reconhecido deve ser entendida? Em primeiro lugar, ela não é uma qualidade ou potencialidade de indivíduos humanos. [...] é importante questionar a ideia de pessoa como individualidade. [...]. Não há desafio que o reconhecimento proponha à forma do humano que tenha servido tradicionalmente como norma para a condição de ser reconhecido, uma vez que a pessoa é essa própria norma. Trata-se, contudo, de saber como essas normas operam para tornar certos sujeitos pessoas ‘reconhecíveis’ e tornar outros decididamente mais difíceis de reconhecer (BUTLER, 2015, p. 18).

A autora relaciona a compreensão de que o sujeito não institui apenas na materialidade, mas que é reconhecido de maneira contingencial e via linguagem, nunca determinado por elas. São variáveis que indicam a apreensão da imagem do sujeito, na visão butleriana, “entendida como um modo de conhecer que ainda não é reconhecimento, ou que pode permanecer irreduzível ao reconhecimento” (BUTLER, 2015, p. 19), a qual suscita uma série de significados e o trabalho em ação política.

Travestis, transexuais e transgêneros mobilizam uma nova construção estética que reafirma o desejo de criar, de transbordar, de transfigurar a corpa. Sobre tal aspecto, Benedetti (2015, p. 51) sugere o conceito de identidade imaginária sexual, na qual: “a identidade de travesti está antes associada à fabricação de um novo corpo, do que às práticas e orientações sexuais”.

Há, na produção das corpas travestis, aspectos do inacabado, que caracterizam o permanente estado transitório, os quais impõem ao discurso significações diferenciadas, por meio de ações artísticas transgressoras, de cunho político e poético.

Para além das dimensões até aqui exploradas, Silva (2019), a partir da organização dos estudos do ‘*Manifesto Ciborgue*’ de Donna Haraway (1991, p. 12), dimensiona um conceito significativo e que contempla os processos de identificação travesti, por meio da metáfora do ciborgue. Nela, o humano se transfigura em “implantes, transplantes, enxertos, próteses”, constituindo-se em ser portador de corpas artificiais que superam, assim, as fronteiras do humano. Eis que:

O ciborgue nos força a pensar não em termos de “sujeitos”, de mônadas, de átomos ou indivíduos, mas em termos de fluxos e intensidades, tal como sugerido, aliás, por uma “ontologia” deleuziana. O mundo não seria constituído, então, de unidades (“sujeitos”), de onde partiriam as ações sobre outras unidades, mas, inversamente, de correntes e circuitos que encontram aquelas unidades em sua passagem. Primários são os fluxos e as intensidades, relativamente aos quais os indivíduos e os sujeitos são secundários, subsidiários (SILVA, 2019, p. 14).

Assim, Haraway (2019) enfatiza a ideia de que as corpas representam o nosso eu, “e que, em conjunção com a tecnologia, é possível construir nossa identidade, nossa sexualidade, até mesmo nosso gênero, exatamente da forma que quisermos” (KUNZRU, 2019, p. 26), em que o ciborgue, nessa perspectiva, se traveste em “um mundo pós-gênero” (HARAWAY, 2019, p. 38), afinal transgride as fronteiras gendrificadas da vida e as torna múltiplas. Travestis constituem uma outra maneira de ser que é, *a priori*, dissidente:

[...] descobri que não poderia fixar corpos como simples objetos do pensamento. Além de os corpos tenderem a indicar um mundo além deles mesmos, esse movimento para além de sua delimitação, movimento do próprio limite, também pareceu ser bastante fundamental para mostrar o que os corpos “são” (BUTLER, 2019, p. 14).

Como indica Butler (2019), a constituição de corpas deve ser considerada a partir dos efeitos que o poder produz sobre elas, pois sua materialização está atrelada à norma regulatória imposta e que caracteriza uma inteligibilidade cultural. Ao repensar essa materialidade das corpas, a autora, refaz os processos envolvidos nessa questão, nos quais o ato performativo “é, precisamente, no caráter performativo da identidade de gênero que reside, a possibilidade de questionar sua condição reificada” (BUTLER, 2018, p. 3). Sobretudo corpas travestis se constituem não apenas por aquilo que as nomeia, mas com base nas reiterações produzidas no enfrentamento a tais regulações normativas, em que a cultura dimensiona o domínio heteronormativo preponderante na definição de corpas “aceitáveis” e corpas “negadas”, “abjetificadas”.

As produções trav[a]rtísticas possibilitam refletir que, na relação entre o social e o subjetivo, entre o eu e o nós, entre a corpa e o discurso, reside dada

dicotomização que impõe a sua apreensão e que mascara a multiplicidade da experiência, em detrimento do discurso regulatório cisheteronormativo.

As trav[a]rtistas criam, então, atravessamentos ao discurso causador de rejeição e exclusão e suscitam a passagem para a multiplicidade e a diferença. A repercussão que as artes travestis retratam consolidam a imagem de um eu que pode formar, registrar e ampliar a criatividade e o seu caráter político. Abre possibilidades formativas, modos infinitos de existir, de constatar a subjetivação poética e pulsante da criação artística.



Figura 6: RENNA em ação trava-terrorista HANNAH. FONTE: Acervo das redes sociais da artista, 2021.



Figura 7: Irla: Florescendo de Sonhos. FONTE: Acervo de redes sociais da artista, 2021.

Quero florescer de sonhos...
de paz!!!
Quero florescer de amor diante do caos
NÃO SOU CULPADA!!!!
Me disseram que minha existência era um fardo de mentiras,
Que minha capacidade era zero.
Hoje me refaço nas minhas cicatrizes...
Nas dores!
Enfim...
(Irla, Redes Sociais da Artista, 2021).

A premissa suscita, desse modo, a corpa e as dinâmicas de resistência às relações de poder na arte e no cotidiano. Uma corpa política, que não é passiva e que se estrutura a partir do cis-tema que configura seus processos de subjetivação, estabelece trajetos diferenciados com e desde a transgressão.

Constelações possíveis¹⁶

Os processos e atravessamentos políticos, performativos e de subjetivação que organizam algumas das premissas sobre a 'pedagogia da corpa travesti' forjam um campo epistêmico singular em relação à problematização de como métodos, técnicas e a formação no campo das artes são organizados. Para além de ser instituída uma categoria, cogitamos que os sistemas e o saber que orientam e constroem as perspectivas e o conhecimento desta área podem ser vislumbradas de diferentes formas quando considerada a dissidência e criatividade de trabalhadoras da arte.

Ainda, que ação política dessas corpas forja experimentações potentes ao questionamento de como a cisheteronormatividade e a binaridade são, em linhas gerais, o cerne de uma série de interdições e que provocam a subalternização de experiências de gênero periféricas, inclusive na arte. A arte travesti é, pois, uma lente para cogitar a margem do gênero-sexualidade, na criação artística, como lugar sensível e responsável por canalizar outros modos de ser, ver e subjetivar a vida.

¹⁶ Usamos este termo em alusão à metáfora da infinitude de possibilidades que as corpas travestis assumem e caracterizam, aspectos do campo cósmico, estelar, subjetivo. Porque não se finalizam as discussões, abrem-se outras premissas e espaços para interlocuções e críticas.

Aproximamo-nos, pois, a partir desta noção, da ideia representada de luta e resistência em que tais processos “dizem respeito, então, às práticas de transformação possíveis engendradas nos processos de constituição subjetiva” (PAIVA, 2021, p. 112). A perspectiva delineada reitera as vivências das artistas travestis, a partir de suas relações estético-sociais, enquanto questionamentos à abjeção (BUTLER, 2019).

Os mapas suscitados neste texto acerca do que as corpas travestis performam e constituem politicamente incidem em novos argumentos sobre as relações de poder, as marcações, investimentos morais, dominações e sujeições que exigem da arte outras expressões, sinalizações e formas-de-subjetivar comprometidas com a formação não hegemônica.

Argumentamos, mais uma vez, que a relação entre a arte, a criatividade e as corpas, ou das corpas travestis e do seu fazer político-formativo, sugere evidências e aspectos da criação e da comunicação artística que podem, de certo modo, redimensionar as formas e dinâmicas de interação presentes neste campo do saber.

As artistas travestis apresentadas nesse texto (RENNA, Gabi Benedita e Irla) organizam um processo de reiteração que não é ligado aos cânones estéticos e, assim, sua prática artística cogita o surgimento de um devir travesti como viabilidade e que extrapola o senso moderno-masculino da/na arte. Cria formas variadas de ser e agir e ressaltar a busca, incessante, por apropriar-se de uma corpa negada, de seu travestigênera, de formas-de-vida dissidentes e de sua subjetividade. O ato performático se presentifica de maneira transgressora de modo que a imagem da corpa se contradiz às corporeidades e às formas de conhecer binárias, de modo a performar outros modos de experimentação artística.

Os signos e significados articulados ao longo deste texto são parte deste aprendizado dissidente, das novas cartografias do ser, donde a corpa travesti informa a ação, o saber e as afetações éticas, os atravessamentos na fronteira. Afinal, como indica Preciado (2019, p. 39): “Eles dizem poder. Nós dizemos potência. Eles dizem integração. Nós dizemos proliferação de uma multiplicidade de técnicas de produção de subjetividade”. A corpa é uma outra genialidade, força epistêmica que valoriza o não-dito, o interdito, o dissidente.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Frederico Levi. **Gestos performativos como atos de resistência**: corpos-monstro na cena contemporânea. 2019. 172 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto-MG, 2019.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

BILLARD, Thomas J. "Passing" and the Politics of Deception: Transgender Bodies, Cisgender Aesthetics, and the Policing of Inconspicuous Marginal Identities. *In*: DOCAN-MORGAN, T. (ed.). **The Palgrave Handbook of Deceptive Communication**. Cham, Switzerland: Palgrave, 2019, p. 461-477.

BRACCHI, Daniela Nery. Experiências fotográficas e educação em "Meu mundo teu". **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 18, n. 54, p. 553-576, 2021.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. Caderno de Leituras, n. 78, Edições Chão da Feira, jun, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do "sexo". 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**: quando a vida é passível de luto? 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 151-172.

CARVALHO, Renata. *In*: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa565524/renata-carvalho>. Acesso em: 08 de julho de 2023. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-77

CARVALHO, Renata. Renata Carvalho desconstrói imaginário sobre corpos trans no encerramento do 15º FEVEREFESTIVAL. [Entrevista cedida a] Miguel von Zuben. **15º FEVEREFESTIVAL**, Campinas, São Paulo, 2021.

CARVALHO, Renata. O Corpo Transvestigênera - O Corpo Travesti – Na Arte. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro v. 3 n. 1, p. 213-216, jan./abr. 2019.

DE CARVALHO Mario. La création carnavalesque comme une œuvre d'art baroque. **Sociétés**, 2001, v. 1, nº 71, p. 59-65. Recuperado de: <<https://doi.org/10.3917/soc.071.0059>>. Acesso em: 01 jul. 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos: Vol. V – Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

GOMEZ, Pedro Pablo. Decolonialidad estética: geopolíticas del sentir el pensar y el hacer. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 369-389, mai./ago. 2019. Recuperado de: <<https://doi.org/11.22456/2357-9854.92911>>. Acesso em 30 jun. 2023.

HARAWAY, Donna J. *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*. In: HARAWAY, Donna J; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (orgs.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 33-108.

HARAWAY, Donna J. **Simians, cyborgs, and women: The revention of nature**. Nova York: Routledge, 1991.

KUNZRU, Hari. “*Você é um ciborgue*”: um encontro com Donna Haraway. In: HARAWAY, Donna J; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (orgs.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 17-32.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MEIRA, Isabela de França. **Artivismos e dissidências sexuais: movimentos coletivos de (cri)ações estéticas e políticas de resistência à heteronormatividade em Recife**. 2019. 156 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

OLIVEIRA, Felipe Henrique Monteiro. **Subjetividade(s) e(m) performance: corpo, diferença e ativismo**. Curitiba: CRV, 2019.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

PAIVA, André Luiz dos Santos. **Genealogia e teoria de gênero em Judith Butler: subversões teórico-políticas**. 2021. 171 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano: crônicas da travessia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

RAPOSO, Paulo. "Artivismo": articulando dissidências, criando insurgências. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 4, n. 2, p. 3-12, 2015.

ROCHA, João Pedro Nunes da; CARVALHO, Mário de Faria. Êpa, bicha não! Eu sou uma `quase mulher: um estudo epistemológico e estético sobre a montaria de corpos e gestualidade Drag Queen. *In*: Mário de Faria Carvalho; Clécia Pereira; Graciele Andrade. (orgs.). **Imaginário, estética e cultura: ensaios transdisciplinares**. 1. ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021, p. 183-205.

SANTANA, José Diêgo Leite de; CARVALHO, Mário de Faria. O que pode um corpo drag queen? Sentidos outros para a pesquisa de questões de gênero na educação. **Polêm!ca**, [S.l.], v. 19, n. 3, p. 020-038, jul. 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu. da **Identidade e diferença**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

SILVA FILHO, Luís Massilon da; CARVALHO, Mário de Faria. O estado da arte das pesquisas sobre corpo, transexualidade e educação no Brasil. **Humanidades & Inovação**, Palmas-TO, v. 8, n. 58, p. 329-341, set. 2021.

SILVA FILHO, Luís Massilon da. **Saber, poética e transgressão: as figurações estético-gestuais da corpa por artistas transexuais/travestis**. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2022.

SOUZA, Marco Aurélio da Cruz; CARVALHO, Carla (orgs.). **Arte e estética na educação: corpo sensível e político**. Curitiba: CRV, 2021.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 244 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

WOLFGANG, Courtnie N.; RHOADES, Mindi J. First fagnotics: queering Art Education. **Journal of Social Theory in Art Education**, v. 37, 2017.

Recebido em: 11/07/2023

Aceito em: 11/08/2023